

**BALANÇO 2016 E  
PERSPECTIVAS 2017  
DA ECONOMIA**

**2017**  
**16**

A economia brasileira deve registrar contração de 3,5% em 2016, conforme estimativa da FIERGS/UEE, fechando o segundo ano em recessão. Esta é a crise mais profunda da nossa história: em dois anos o PIB encolheu 7,1% e o número de desempregados chegou a 12 milhões. Conforme a nossa projeção apresentada em 2015, a combinação das crises política e econômica potencializou o cenário já deteriorado dos últimos dois anos, na medida em que todos os setores foram sendo afetados.

Pelo lado positivo, o ano de 2016 foi marcado pela volta da confiança dos empresários e consumidores. Porém, essa melhora não foi acompanhada de aumento na produção e consumo. A demanda manteve-se em queda, pela deterioração no mercado de trabalho. Da mesma forma, os investimentos mantiveram o ritmo de contração por conta da situação financeira muito delicada das empresas e do crédito mais caro e escasso.

A recuperação da confiança é fundamental para que a indústria volte a investir, mas a sustentação desse processo está condicionada à concretização das expectativas geradas pelo novo Governo, da aprovação das medidas de ajuste fiscal e da melhora nas condições financeiras das empresas. O achatamento nas margens de lucro e a dificuldade em obter capital de giro com custo acessível tornam mais difícil a superação do quadro adverso. Os investimentos, vale ressaltar, são importantes não apenas para a retomada do setor, mas para a sua sustentação, via aumento da produtividade.

No Rio Grande do Sul, a retração seguiu o ritmo da economia brasileira e também sofreu com o encolhimento na demanda interna. A queda esperada para o PIB de 2016 no Estado é de 3,2% e todos os setores apresentarão recuo neste ano. Ao todo, o Estado soma 500 mil desempregados.

A indústria gaúcha apresentará a terceira queda anual consecutiva. Essa é a mais longa crise já registrada, com perdas intensas e disseminadas entre os segmentos industriais, muitos atingindo mínimos históricos. A produção física da indústria (IBGE) corrobora esse quadro, mostrando 28 contrações nos últimos 30 meses na comparação entre mês atual e o mesmo mês do ano anterior. Nas crises anteriores, em 2008, a produção gaúcha, nessa base, caiu por 12 meses e em 2005/2006, foram 18 reduções em 20 meses. Desde o início desta crise, o setor acumula queda de 19,8%.

No campo da política e do setor público, também tivemos eventos importantes no Rio Grande do Sul. O aumento do ICMS, a elevada carga tributária e a falta de competitividade foram determinantes para o fechamento de indústrias ou migração de empreendimentos para outros Estados. As medidas encaminhadas pelo Governador Sartori à Assembleia Legislativa representam agora uma sinalização positiva, marcando o início de um processo de readequação do tamanho da máquina pública, maior racionalidade na distribuição dos recursos e busca pelo foco em áreas prioritárias. Entretanto, ressaltamos que o equilíbrio financeiro da máquina estatal do Rio Grande do Sul ainda é uma realidade distante.

No cenário internacional, segundo as estimativas mais recentes do FMI, o PIB global deverá se expandir 3,1% em 2016 e embora positiva, é a taxa mais baixa desde 2009 (-0,1%). Entre os países desenvolvidos, dois foram os destaques: a desaceleração mais intensa do que o esperado da economia americana e a necessidade cada vez mais premente da expansão da liquidez na tentativa de acelerar o crescimento econômico. O cenário composto por taxas de juros negativas e vultosas injeções de liquidez é cada vez mais comum para esse conjunto de nações.

As perspectivas para 2017 apontam para a aceleração do PIB global, oriunda da saída da recessão de importantes países emergentes. Com relação aos desenvolvidos, há incertezas

relacionadas à magnitude de uma eventual desaceleração causada pelo início dos trâmites referentes à saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*) e pelas primeiras medidas adotadas por Donald Trump na presidência dos EUA.

No cenário interno, acreditamos que em 2017 a economia brasileira iniciará um lento processo de reabilitação. As taxas de crescimento serão tímidas nos primeiros momentos, mas se persistirmos na busca pelo equilíbrio das contas públicas, o controle da inflação e a melhora no ambiente para trabalhar e empreender, podemos ingressar num novo ciclo de expansão nos próximos anos. Diferentemente das crises anteriores, a atual não foi provocada por choques negativos de eventos ocorridos no exterior. Portanto, a saída passa pela melhora dos fundamentos internos.

O mercado de trabalho ditará o ritmo desta reação. Uma das características do mercado de trabalho brasileiro é a defasagem de resposta aos ciclos econômicos. Esse aspecto decorre, em grande parte, da rigidez da nossa legislação trabalhista. Quando a atividade econômica começa a desacelerar, pode demorar meses para o desemprego começar a aumentar. Da mesma forma, há um atraso de resposta nas retomadas.

Diante dessa conjuntura, o **cenário base para 2017** considera que a economia brasileira se estabilizará já nos dois primeiros trimestres do ano e apresentará um pequeno crescimento de 0,5% sobre uma base de comparação deprimida de 2016. A conjuntura do Rio Grande do Sul não difere muito da nacional: a recuperação acompanhará a melhora gradual do cenário, mas também será letárgica, gerando um baixo crescimento de 0,4%. Ainda, se espera que a taxa de inflação (5,5%) fique mais próxima da meta e que os juros mantenham-se em queda (11,50% a.a.).

No **cenário superior**, o crescimento será determinado pela recuperação acima do esperado dos investimentos e da demanda interna. De fato, é difícil quantificar qual a demanda reprimida após três anos de resultados negativos. Assim, a economia do RS seria puxada pela recuperação mais robusta do cenário nacional.

No **cenário inferior** não está descartada uma nova queda. A recuperação pode ocorrer tardiamente, levando à estagnação ou à queda anual. Além disso, os riscos políticos ainda estão presentes. No Rio Grande do Sul, mesmo que com baixa probabilidade, existe o temor de que condições climáticas adversas se reflitam numa queda da produtividade na agricultura, o que traria reflexos nas atividades dos demais setores.

Acesse o trabalho completo em:

[www.fiergs.org.br/economia/balanço-econômico-e-perspectivas](http://www.fiergs.org.br/economia/balanço-econômico-e-perspectivas)

## CENÁRIOS MACROECONÔMICOS PARA 2017

REGIÃO	CENÁRIOS 2017	PIB	CENÁRIO	CENÁRIO		
				Descrição	Impactos	
INTERNACIONAL	CENÁRIOS 2017	PIB	<b>Superior</b>	Aceleração mais forte do PIB mundial, puxada pelos emergentes	<b>Inflação</b>	Modesta aceleração no ritmo de expansão dos preços: leve aumento nos desenvolvidos e estabilidade nos emergentes
					<b>Comércio</b>	Aceleração mais intensa da taxa de crescimento da corrente de comércio
					<b>Dólar</b>	Pequena valorização em função do aumento de juros nos Estados Unidos
			<b>Base</b>	Aceleração na margem do PIB mundial, puxada pelos emergentes	<b>Inflação</b>	Manutenção no ritmo de expansão da inflação: leve aceleração nos desenvolvidos e leve desaceleração nos emergentes
					<b>Comércio</b>	Leve aceleração na taxa de crescimento da corrente de comércio
					<b>Dólar</b>	Pequena valorização em função do aumento de juros nos Estados Unidos
			<b>Inferior</b>	Desaceleração na margem do PIB global, com contribuição de emergentes e desenvolvidos	<b>Inflação</b>	Modesta redução no ritmo de expansão dos preços: estabilidade nos desenvolvidos e leve redução nos emergentes
					<b>Comércio</b>	Estabilidade no ritmo de crescimento da corrente de comércio
					<b>Dólar</b>	Acomodação em torno dos atuais patamares
BRASIL	CENÁRIOS 2017	PIB	<b>Superior</b>	Surpresa no crescimento determinada pela reposição de ativos e pela demanda interna	<b>Inflação</b>	Inflação próxima à meta (4,5%)
					<b>Juros</b>	Taxa SELIC significativamente mais baixa em relação aos patamares do final de 2016
					<b>Taxa de câmbio</b>	Leve valorização da taxa de câmbio
					<b>Mercado de trabalho</b>	Queda na taxa de desemprego com baixa geração de empregos
					<b>Setor externo</b>	Leve queda do saldo comercial causada por um crescimento mais forte das importações para investimentos
			<b>Base</b>	Pequeno crescimento sobre uma base de comparação deprimida	<b>Inflação</b>	Inflação próxima à meta (4,5%), mas ainda um pouco acima desse patamar
					<b>Juros</b>	Taxa SELIC mais baixa em relação aos patamares do final de 2016
					<b>Taxa de câmbio</b>	Acomodação da taxa de câmbio em torno dos atuais patamares
					<b>Mercado de trabalho</b>	Taxa de desemprego em nível próximo ao final de 2016, com redução na destruição de vagas
					<b>Setor externo</b>	Leve queda no saldo comercial, puxada pelo avanço das importações
			<b>Inferior</b>	Recuperação tardia do nível de atividade, levando à estagnação ou à queda anual	<b>Inflação</b>	Inflação acima da meta (4,5%), com risco de superar o limite de tolerância (6%)
					<b>Juros</b>	Taxa SELIC pouco abaixo do nível verificado no final de 2016
					<b>Taxa de câmbio</b>	Desvalorização moderada da taxa de câmbio
					<b>Mercado de trabalho</b>	Aumento na taxa de desemprego com expressiva destruição de postos de trabalho
					<b>Setor externo</b>	Leve queda no saldo comercial, puxada pela queda menos intensa das importações em relação às exportações
RIO GRANDE DO SUL	CENÁRIOS 2017	PIB	<b>Superior</b>	Crescimento puxado pela melhora mais robusta do cenário nacional	<b>Setor Externo</b>	Leve aumento das exportações e crescimento mais forte das importações
					<b>Arrecadação de ICMS</b>	Crescimento surpreende junto com a atividade econômica
					<b>Mercado de Trabalho</b>	Geração moderada de empregos, com taxa de desemprego nos patamares atuais
			<b>Base</b>	Baixo crescimento estimulado pela melhora do cenário nacional	<b>Setor Externo</b>	Queda na margem das exportações e aumento moderado das importações
					<b>Arrecadação de ICMS</b>	Crescimento relativamente menor do que a atividade econômica
					<b>Mercado de Trabalho</b>	Mercado de trabalho desaquecido, com elevada taxa de desemprego
			<b>Inferior</b>	Possibilidade de queda diante de condições climáticas adversas	<b>Setor Externo</b>	Queda moderada das exportações e leve retração das importações
					<b>Arrecadação de ICMS</b>	Penalizada pela fraca atividade econômica
					<b>Mercado de Trabalho</b>	Aumento na taxa de desemprego com destruição de postos de trabalho

## INTERNACIONAL

	2014	2015	2016*	2017**
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)</b>				
EUA	2,4	2,6	1,6	2,2
China	7,3	6,9	6,6	6,2
Japão	0,0	0,5	0,5	0,6
Zona do Euro	1,1	2,0	1,7	1,5
Europa emergente	2,8	3,6	3,3	3,1
Reino Unido	3,1	2,2	1,8	1,1
Ásia emergente	6,8	6,6	6,5	6,3
América Latina e Caribe	1,0	0,0	-0,6	1,6
Argentina	-2,5	2,5	-1,8	2,7
Brasil	0,1	-3,8	-3,3	0,5
Chile	1,8	2,3	1,7	2,0
México	2,2	2,5	2,1	2,3
<b>Mundo</b>	<b>3,4</b>	<b>3,2</b>	<b>3,1</b>	<b>3,4</b>
<b>Inflação (% a.a. - fim de período)</b>				
EUA	0,6	0,7	1,8	2,6
China	1,5	1,6	2,3	2,3
Japão	2,5	0,2	-0,1	0,7
Zona do Euro	-0,2	0,2	0,6	1,0
Europa emergente	3,1	3,5	3,9	3,7
Reino Unido	0,9	0,1	1,5	2,5
Ásia emergente	3,1	2,7	3,2	3,3
América Latina e Caribe	5,0	6,2	5,1	3,9
Argentina	23,9	x	39,4	20,5
Brasil	6,4	10,7	7,0	5,5
Chile	4,7	4,4	3,5	3,0
México	4,1	2,1	3,2	3,1
<b>Mundo</b>	<b>2,9</b>	<b>2,9</b>	<b>3,2</b>	<b>3,2</b>

Fonte: FMI. Projeções: Brasil - FIERGS/UEE. Demais Países: FMI.

\* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

\*\* Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

## BRASIL

	2015	2016*	2017**		
			Inferior	Base	Superior
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)***</b>					
Agropecuária	1,8	-1,5	0,5	2,9	3,9
Indústria	-6,2	-3,5	-3,0	0,6	2,0
Serviços	-2,7	-2,8	-1,9	-0,4	1,6
<b>Total</b>	<b>-3,8</b>	<b>-3,5</b>	<b>-2,0</b>	<b>0,5</b>	<b>1,7</b>
<b>Inflação (% a.a.)</b>					
IGP-M	10,5	7,5	2,4	4,1	5,8
INPC	11,3	7,8	3,7	5,6	7,5
IPCA	10,7	7,0	3,6	5,5	7,3
<b>Produção Física Industrial (% a.a.)</b>					
Extrativa Mineral	3,9	-10,1	1,6	3,7	5,6
Transformação	-9,9	-6,2	-2,8	0,8	1,9
<b>Indústria Total<sup>1</sup></b>	<b>-8,3</b>	<b>-6,9</b>	<b>-2,7</b>	<b>0,9</b>	<b>2,0</b>
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (em mil pessoas)</b>					
Agropecuária	8,3	14,0	-17,1	20,2	66,8
Indústria	-1.062,4	-820,4	-810,6	-423,8	59,7
Indústria de Transformação	-587,6	-401,1	-409,5	-171,9	125,1
Construção Civil	-446,0	-393,2	-377,2	-241,0	-70,7
Outras	-28,8	-26,1	-23,9	-10,9	5,3
Serviços	-482,1	-612,2	-468,4	-211,0	110,8
<b>Total</b>	<b>-1.536,2</b>	<b>-1.418,6</b>	<b>-1.296,1</b>	<b>-614,6</b>	<b>237,3</b>
<b>Setor Externo (US\$ Bilhões)</b>					
Exportações	191,1	187,5	178,0	191,0	200,0
Importações	171,5	140,0	134,5	144,8	152,0
Balança Comercial	19,7	47,5	43,5	46,2	48,0
<b>Moeda e Juros (% a.a.)</b>					
Juros Nominais – Selic - Final do ano	14,25	13,75	9,75	11,50	13,75
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) <sup>2</sup>	13,4	46,6	-11,6	-1,4	15,9
Taxa de Câmbio – Final do período	3,90	3,45	4,00	3,40	3,05
<b>Setor Público (% do PIB)</b>					
Resultado Primário	-1,9	-2,8	-3,2	-1,7	0,1
Resultado Nominal	-10,4	-9,1	-9,0	-6,6	-4,7
Pagamento de Juros Nominais	-8,5	-6,3	-5,8	-4,9	-4,8
Dívida Líq. do Setor Público – BR	36,2	44,1	53,5	51,3	49,9

<sup>1</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP

<sup>2</sup> Variação em relação ao final do período anterior

\* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

\*\* Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

## RIO GRANDE DO SUL

	2015	2016*	2017**		
			Inferior	Base	Superior
<b>Produto Interno Bruto Real (%) a.a.</b>					
Agropecuária	13,6	-1,6	-1,2	2,7	4,4
Indústria	-11,2	-4,8	-2,3	0,7	1,3
Serviços	-2,1	-2,9	-1,8	-0,6	1,3
<b>Total</b>	<b>-3,4</b>	<b>-3,2</b>	<b>-1,8</b>	<b>0,4</b>	<b>1,5</b>
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (mil pessoas)</b>					
Agropecuária	1,1	0,5	-0,3	1,0	2,3
Indústria	-68,1	-38,6	-37,2	2,8	42,8
Indústria de Transformação	-51,0	-29,7	-25,9	4,8	35,5
Construção Civil	-15,9	-8,2	-10,8	-2,1	6,6
Outras	-1,2	-0,7	-0,5	0,1	0,7
Serviços	-27,4	-19,3	-19,3	2,6	24,5
<b>Total</b>	<b>-94,4</b>	<b>-57,4</b>	<b>-56,8</b>	<b>6,4</b>	<b>69,6</b>
<b>Balança Comercial (US\$ Bilhões)</b>					
Exportações	17,5	16,0	15,0	15,7	16,5
Industriais	12,7	11,7	10,7	11,3	11,8
Importações	10,0	8,0	7,8	8,4	8,7
<b>Saldo Comercial</b>	<b>7,5</b>	<b>8,0</b>	<b>7,1</b>	<b>7,4</b>	<b>7,8</b>
<b>Setor Público (R\$ Bilhões)</b>					
ICMS	27,6	29,9	27,1	31,6	36,9
<b>Indicadores Industriais</b>					
Faturamento real	-12,2	-10,9	0,3	2,5	5,3
Compras	-9,8	-5,5	-1,0	1,7	2,6
Utilização da capacidade instalada	0,1	0,3	-1,3	0,8	1,8
Massa salarial	-10,7	-8,7	-1,5	0,4	2,0
Emprego	-9,1	-7,2	-2,8	-1,0	0,7
Horas trabalhadas na produção	-5,7	-5,4	-0,3	1,0	2,8
<b>Índice de Desempenho Industrial - IDI/RS</b>	<b>-7,4</b>	<b>-5,2</b>	<b>-2,3</b>	<b>0,0</b>	<b>2,0</b>
<b>Produção Industrial<sup>1</sup> (%) a.a.</b>	<b>-11,7</b>	<b>-4,0</b>	<b>-2,9</b>	<b>0,7</b>	<b>1,7</b>

<sup>1</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP

\* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

\*\* Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS